

I ESCOLHER A ALEGRIA





PUBLICADORA SERVIR 3º TRIMESTRE 2022 N. 162 / ANO 40

REVISTA INTERNACIONAL EDIÇÃO TRIMESTRAL EM LÍNGUA PORTUGUESA

DIRETOR Ezequiel Quintino
DIRETOR DE REDAÇÃO Lara Figueiredo
COORDENADOR EDITORIAL Paulo Lima
E-MAIL sinais@pservir.pt

DESIGN GRÁFICO **Rita Mendes Sadio**DIAGRAMAÇÃO **Marta Rodrigues Pereira**ULICTRAÇÃES DA PEVISTA **© Adapa Stock**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA @ Adobe Stock

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir. S. A.

SEDE E ADMINISTRAÇÃO Rua da Serra, 1 – Sabugo 2715-398 Almargem do Bispo 21 962 62 00

DIRETOR António Carvalho

EDIÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA Editorial Safeliz

EDIÇÃO EM LÍNGUA FRANCESA Éditions Vie et Santé

EDIÇÃO EM LÍNGUA ITALIANA Edizione ADV

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Jorge Fernandes, Lda. – Artes Gráficas

TIRAGEM 11 000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL Nº 63193/93

PREÇO NÚMERO AVULSO 2,00€

ASSINATURA ANUAL 8,00€

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO ICS DR 8/99 ISSN 0873-9013

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

\approx ÍNDICE \approx

03

EDITORIAL

Utopias

MORALIDADE



Relativismo, o absoluto de uma ilusão

Os valores absolutos e a moralidade pós-moderna.

CRENÇAS



A veneração de Maria É bíblica a veneração de Maria?

ESTILO DE VIDA



Escolher a alegria Aprenda a ser alegre e feliz!

TEOLOGIA



Jesus, o homem que é Deus A divindade do Salvador.

3C

NOTÍCIAS QUE
FAZEM PENSAR

Obesidade | Fome

O paradoxo dos extremos.

35 A BÍBLIA ENSINA Jesus, o Único Saiba porque Jesus é único.

Utopias



Pr. Ezequiel Quintino

A pós-modernidade desafiou e contestou a mundividência do Iluminismo. Com esta oposição veio uma inundação de relativismo que abandonou as categorias centrais usadas pela teologia - cosmovisão, sistema de pensamento, universalidade e um centro para o pensamento. Com a rejeição de qualquer sistema, centro ou cosmovisão, a única opção que restou à pós-modernidade foi o relativismo. Mas relativismo significa que cada pessoa tem direito à sua própria opinião. Assim, o perspetivismo substituiu as cosmovisões, a realidade local substituiu o contexto mais amplo, a ética de situação substituiu o código moral, a preferência pessoal substituiu os valores. Teoricamente, cada ser humano é deixado no seu próprio mundo. A ordem dá lugar ao caos, a esperança ao niilismo e o futuro ao sempre presente. Não há objetivo, propósito ou realização. E, sem propósito, a Humanidade é menos do que humana.¹

Assim, sem absolutos, sem Salvador e sem salvação, tudo o que resta é um ateísmo sem sentido. Os humanos são deixados a viver a sua vida solitária – sem Deus – navegando à deriva num oceano de relativismo. E sem um porto de abrigo seguro, no desespero, acabarão por naufragar sem qualquer propósito de vida ou esperança.

A teologia baseada na cosmovisão da Bíblia tem a única resposta para estes

"náufragos" do pensamento pós-moderno. A cosmovisão bíblica – a autorrevelação de Deus a toda a Humanidade para todas as gerações – com o seu alcance e o evangelho universal, dá significado e propósito ao ser humano.

Nesta *ST* terá oportunidade de refletir mais sobre relativismo e ética situacional aplicados à vida real no artigo *Relativismo* – o absoluto de uma ilusão.

Para complementar e ampliar alguns raciocínios sugeridos a respeito do relativismo, lerá dois apontamentos: Jesus – O Homem que é Deus e (na secção "A Bíblia Ensina") Jesus, o Único – Os "EU SOU" da Bíblia.

Também poderá inspirar-se na história de vida de Mihaly Csikszentmihalyi e *Escolher viver a alegria*, mesmo em tempo de guerra, apesar de paradoxal. Terminaremos a série sobre Mariologia, com o sexto artigo – *A Veneração de Maria*. E, finalmente, na rubrica "Notícias que Fazem Pensar" deparar-se-á com o contraste – *Obesidade e Fome*.

Por mais sistemas que os homens tentem inventar, na louca tentativa ilusória de fuga de Deus, nenhum transmite paz, segurança, propósito ou esperança para o futuro. Só Deus preenche o vazio íntimo do ser humano, porque Ele é a referência – Criador e Salvador.

¹ Ver Norman R. Gulley, *Systematic Theology – Prolegomena*, Berrien Springs, Ml: Andrews University Press, 2003, vol. 1, pp. 455-517.



"Os Esquimós deixam os seus idosos morrer à fome, enquanto nós achamos que isso é moralmente errado. Os Espartanos da Grécia antiga e os Dobu da Nova Guiné creem que roubar é moralmente correto, mas nós pensamos que isso é errado. Muitas culturas, do passado e do presente, praticaram ou ainda praticam o infanticídio; uma tribo na África Oriental, certa vez, atirou crianças deformadas aos hipopótamos, mas a nossa sociedade condena esses atos. As práticas sexuais variam ao longo do tempo e de lugar para lugar. Algumas culturas permitem comportamentos homossexuais, enquanto outras os condenam. Outras culturas, incluindo as sociedades muçulmanas, praticam a poligamia, enquanto as culturas cristãs a encaram como imoral. A Antropóloga Ruth Benedict descreve uma tribo na Melanésia que vê a cooperação e a bondade como vícios, e o antropólogo Colin Turnbull tem casos documentados de uma tribo no norte do Uganda que não tem qualquer sentido do dever em relação aos seus filhos e pais. Há sociedades onde os filhos matam os pais envelhecidos, por vezes recorrendo ao estrangulamento, e isso é encarado como um dever."1

A diversidade cultural, revelada através do estudo da Antropologia, pode ser considerada o maior argumento a favor do relativismo moral. Se as tradições culturais do mundo contêm tantas contradições morais flagrantes, quem poderá decidir qual é a cultura que está certa? E como se poderia tomar essa decisão? A conclusão implícita na diversidade de culturas e de sociedades é que a moralidade é cultural. Não existem valores morais ou normas objetivas universalmente aceites

O juízo de uma pessoa pode desvirtuar a realidade, mas o juízo de muitos poderá revelar uma valiosa unidade para compreender o que é moralmente aceite e o que não é.

que se possam aplicar a todas as pessoas em todos os tempos.

ENTÃO ATÉ ONDE VAI A FORÇA DO MAIOR ARGUMENTO?

A diversidade cultural do Planeta é concreta, observável e objetiva. É por isso que o argumento construído com base na diversidade cultural pode ser considerado o mais importante argumento a favor do relativismo moral. Mas, se olharmos para além das aparências, chegaremos à conclusão de que este argumento contém uma vulnerabilidade escondida. Há certamente distinções nas práticas culturais entre os variados grupos e algumas culturas adotam práticas moralmente repreensíveis. No entanto, isto não é prova de uma falta de moralidade absoluta. A Antropologia revela uma semelhança notória nos códigos morais através de linhas culturais bastante diferentes. Esta realidade dá-nos uma forte pista sobre o facto de haver um ideal moral absoluto à volta do qual gravita a grande maioria dos grupos e das culturas. Os grupos que adotam tais práticas moralmente divergentes poderão, portanto, ser encarados como grupos à margem do normal, são sociedades que não são capazes de formular e implementar regras e

¹ Louis P. Pojman e James Fieser, Ethics: Discovering Right and Wrong, Mass.; Wadsworth, 1995, p. 33.



práticas morais. A existência destes nichos de diferenças é precisamente a razão pela qual precisamos de uma "deliberação moral transcultural" para revelar a razão para as diferenças e para corrigi-las.

MAS COMO SABEMOS O QUE SÃO PRÁTICAS REPREENSÍVEIS?

Atrás declarei que determinados grupos adotam "práticas moralmente repreensíveis". O Leitor poderá pensar: "Quem é você para decidir o que é e o que não é moralmente repreensível?" Os relativistas alegam que os nossos valores morais são condicionados pela cultura onde nascemos e onde fomos criados, por isso é-nos impossível avaliar objetivamente as práticas das outras culturas. Mesmo que houvesse um valor objetivo nalgum lado, não éramos capazes de identificá-lo. Cada religião alega ter a norma correta e, depois, apresenta uma norma que difere das outras religiões. O que está certo? Como podemos avaliar a suposta norma verdadeira?

2 Kelly Walsh, "Moral Absolutism: A Response to Relativists." www.unh.edu.

As pessoas são subjetivas, influenciadas pela sua cultura e pelos seus valores. É precisamente por isso que temos de nos juntar e de nos envolver num diálogo moral transcultural.

As pessoas são subjetivas, influenciadas pela sua cultura e pelos seus valores. É precisamente por isso que temos de nos juntar e de nos envolver num diálogo moral transcultural. Os valores morais transcendem as opiniões morais defendidas pelos indivíduos e pelas sociedades. Eles são absolutos, pré-existentes e podem-se



revelar melhor quando as sociedades se juntam e se envolvem num diálogo sobre moralidade. O juízo de uma pessoa pode desvirtuar a realidade, mas o juízo de muitos poderá revelar uma valiosa unidade para compreender o que é moralmente aceite e o que não é.

Alguns poderão dizer que impor os valores morais da nossa cultura a outra iria destituir essa cultura do direito de manter os seus próprios valores. Mas, pense nisto – um diálogo transcultural procura revelar uma moralidade que transcende a cultura. Se dizemos que os valores morais, que contradizem a moralidade absoluta, são igualmente valiosos, então isto invalida a necessidade e o valor de tentar descobrir uma clara filosofia moral, até mesmo uma que seja transcultural.

O mundo está repleto de exemplos de acontecimentos que muitos consideram ser verdadeiros abusos – violência contra os menores e as mulheres, escrava-

3 Louis P. Pojman, "Who's to Judge," *in* Christina Hoff Sommers and Fred Sommers, *Vice and Virtue in Everyday Life*, sétima edição, Canadá: Thomson Wadsworth Press, 2006, p. 173.

tura, o Holocausto, genocídio e abusos sexuais, como aqueles que foram cometidos por David Koresh. Será que devemos ficar à margem e defender que não podemos julgar estes abusos? Se estes eventos tivessem de ser julgados, então quem seriam os juízes? Louis Pojma, um professor emérito de Filosofia da Academia Militar de West Point, nos Estados Unidos da América, dá uma resposta inequívoca: "Somos nós. Devemos fazê-lo com base no melhor raciocínio que possamos apresentar e com simpatia e compreensão."³

OS ABSOLUTISTAS SÃO INTOLERANTES?

A História está repleta de exemplos em que dogmas religiosos ou ideológicos levaram à intolerância e à violação dos direitos humanos. Os relativistas, portanto, concluem que a aceitação de uma norma moral absoluta irá levar sempre à intolerância. Evidentemente, podemos argumentar que a doutrina relativista da tolerância é, por si mesma, uma norma absoluta. Mas, a verdadeira questão é: A minha aceitação de uma norma absoluta faz de mim automaticamente um intolerante?



É possível crer numa norma absoluta sem nos tornarmos intolerantes. Peter Kreeft, professor de Filosofia no Boston College e no King's College, dá um bom exemplo - uma pessoa pode ter a firme convicção de que fumar é mau, mas essa mesma pessoa também pode acreditar na privacidade e no livre-arbítrio, e, por isso, tolerar a decisão de outra pessoa de continuar a fumar. 4 A intolerância não advém da defesa de uma norma absoluta, mas da recusa em permitir aos outros a liberdade de escolherem o seu próprio caminho. Além disso, o facto de a pessoa ser intolerante em nome de um princípio moral não prova que o princípio que defende seja incorreto. Prova apenas que a pessoa que o defende não aprendeu a considerar e a permitir outros princípios importantes como a tolerância, a liberdade de consciência, a igualdade e a privacidade.

Jesus, uma vez, disse: "Não julguem, para que não sejam julgados" (Mateus 7:1-5). No Seu ministério na Terra, Ele criticou muitas conceções erradas e falhas morais, não só na nação judaica, mas também noutros povos e nações em todo o mundo. Ele apelou às pessoas para que abdicassem dessas noções e aceitassem a verdade. Mas, Ele também respeitou a liberdade pessoal – as pessoas podiam aceitá-l'O ou rejeitá-l'O. Ele ensinou os Seus discípulos a não julgarem o coração e os motivos ocultos das pessoas. Isto é função de Deus, porque só Deus conhece verdadeiramente o que está no coração de cada pessoa.

E OS JUDEUS? O QUE FAREMOS ACERCA DOS JUDEUS?

O dilema da moralidade situacional não é novo. Um exemplo popular e frequen-

⁴ Peter Kreeft, "A Refutation of Moral Relativism," www.peterkreeft.com.

temente usado centra-se na tragédia do Holocausto. Se soubesse o paradeiro de uma família judia e um soldado nazi lhe exigisse que revelasse o esconderijo dela, mentiria ou diria a verdade? Os relativistas usam estes dilemas para defender que a moralidade não é absoluta porque situações diferentes exigem aplicações diferentes do mesmo princípio moral.

Mas a moralidade situacional não torna o princípio moral relativo. Em vez disso, expõe a complexidade da decisão moral. Cada decisão moral está baseada em princípios morais. Um princípio moral diz que a razão por que faz alguma coisa, determina a natureza da sua ação. Se as suas ações forem boas, mas a sua motivação for má, a sua ação poderá continuar a ser classificada como má. Outro princípio diz que o valor das suas ações depende da situação em que se encontra. Por exemplo, é errado passar o sinal vermelho, mas não é errado passar o sinal vermelho se essa ação for necessária para salvar a vida de alguém. É errado matar, mas não é errado matar em legítima defesa. Uma boa decisão moral é aquela que irá satisfazer simultaneamente todas as questões morais de um dado contexto.

A própria complexidade da decisão moral situacional dá-nos a pista de que um ideal moral absoluto, a "resposta correta", de certo modo, existe mesmo. Temos dificuldades porque estamos a tentar alcançar aquele ideal e os vários princípios morais atuam em conjunto para nos ajudarem nessa função.

AÚLTIMALINHA DEFENSIVA DOS RELATIVISTAS Os relativistas defendem que a liberdade é um direito crítico que deve ser cultivado e preservado a todo o custo, e que estabelecer uma moral absoluta impede esta liberdade. A liberdade é, de facto, um importante direito moral Jesus ensinou os Seus discípulos a não julgarem o coração e os motivos ocultos das pessoas. Isto é função de Deus, porque só Deus conhece verdadeiramente o que está no coração de cada pessoa.

- mas, até mesmo a liberdade tem os seus limites. Roubo, violação e crime estão presentes na sociedade, mas ninguém tem o direito de justificar estas atividades ao apelar para a liberdade que têm de fazer o que quiserem.

A maioria dos leitores desta revista iria sentir repugnância pelas práticas daquelas sociedades em que os membros atiraram os filhos aos hipopótamos ou foram incentivados a estrangular os pais, práticas que podem ser defendidas pelo relativismo cultural. Mas, no nome do mesmo relativismo cultural, as pessoas defendem a liberdade sexual ou ficar livre de culpa após alguma ação egoísta. Isto não é consistente. Além disso, o próprio sentimento de culpa do qual alguns desejam libertar-se é uma ferramenta social fundamentalmente intrínseca. Tal como a dor é um importante sinal corporal que nos alerta para práticas que são prejudiciais para a nossa saúde, a culpa é um sinal fundamental que nos alerta para práticas que são contrárias a uma norma moral adequada, e nos incentiva a seguir essa norma e, dessa forma, sentir verdadeira felicidade, livre de culpa.

RETROSPETIVA

A História está cheia de reformadores religiosos e sociais cuja coragem para apresentar novos conceitos, e falar contra certos abusos e conceções erradas, tem trazido bênçãos e benefícios para a sociedade atual. Onde estaríamos sem pessoas como o apóstolo Paulo, Martinho Lutero, William Wilberforce, Florence Nightingale, Mahatma Gandhi, Rosa Parks, Martin Luther King, Jr? Eles contribuíram de formas fundamentais para o mundo que desfrutamos hoje e estamos-lhes gratos por isso. Então, e se eles nunca tivessem defendido aquilo que pensavam ser correto? E se eles nunca tivessem convidado ao diálogo e incentivado a mudança social, este mundo seria melhor?

O ABSOLUTISMO DE JESUS PROMETE LIBER-DADE

Os relativistas defendem que a sua ideologia é o único caminho para a liberda-

A liberdade é, de facto, um importante direito moral – mas, até mesmo a liberdade tem os seus limites. Roubo, violação e crime estão presentes na sociedade, mas ninguém tem o direito de justificar estas atividades ao apelar para a liberdade que têm de fazer o que quiserem.



de. Mas, Jesus declarou que a liberdade, a verdadeira liberdade, só poderia ser alcançada pela aceitação da Sua verdade – o Seu ensino "absolutista". Ele disse: "Se obedecerem ao meu ensino, serão de facto meus discípulos. Conhecerão a verdade e ela vos tornará livres" (João 8:31 e 32, BpT).

A verdade, tal como ela é em Jesus, é completa. Ela inclui doutrinas morais particulares e princípios corretos, mas é ainda mais elevada e melhor do que eles. Ela representa uma forma de vida totalmente diferente, de outro mundo. Jesus proclamou ousadamente esta verdade. Ele repreendeu destemidamente os pecados deste mundo. Mas, Ele era "manso"



e humilde de coração" e cada palavra e ato Seus eram marcados por amor e ternura, um amor que se manifestava até mesmo quando lidou com o Seu traidor. Jesus foi o exemplo perfeito do mundo – como Criador e promotor de um mundo perfeito e de um modo de vida perfeito. Ele é a referência e a fonte da verdade. Ele é a Verdade! Por isso, Jesus foi o único ser que teve a ousadia de afirmar: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida" (João 14:6).

SOBRE O RELATIVISMO, COM OBJETIVIDADE

"O relativismo não é racional, é racionalização. Não é a conclusão de um argumento racional. É a racionalização de uma

Jesus foi o exemplo
perfeito do mundo
– como Criador e
promotor de um mundo
perfeito e de um modo
de vida perfeito.
Ele é a referência e a
fonte da verdade.
Ele é a Verdade!
Por isso, Jesus foi
o único ser que teve
a ousadia de afirmar:
"Eu sou o caminho,
e a verdade, e a vida"
(João 14:6).

ação prévia. É o repúdio do princípio de que as paixões devem ser avaliadas pela razão e controladas pela vontade. É essa a virtude a que Platão e Aristóteles chamaram "domínio próprio". Não é apenas uma das virtudes primordiais, mas um ingrediente necessário em cada virtude. Esse clássico pressuposto é quase a definição de civilização. Mas os romancistas, existencialistas, freudianos e muitos outros convenceram muitas pessoas na nossa cultura de que é opressivo, não é saudável e autêntico. Se adotarmos o princípio oposto, e deixarmos a paixão governar a razão, em vez de ser a razão a governar a paixão, há pouca esperança para a civilização." (Peter Kreeft, A Refutation of Moral Relativism, www.peterkreeft.com.)

Este artigo foi retirado da *Sinais dos Tempos* (Romena), 2013, pp. 68-71.



Chegamos ao sexto artigo sobre Mariologia. Abordamos um último e importante indício da tentativa da Igreja Católica de exaltar Maria à mesma posição de Cristo - a veneração popular de Maria. Este facto é o resultado natural dos dogmas e dos ensinos marianos proclamados pela Igreja Católica através dos séculos. Ao proclamar a perpétua virgindade de Maria, a sua imaculada conceição, a sua assunção corporal ao céu, o seu papel celestial como mediadora e corredentora, a Igreja Católica estimulou a veneração popular de Maria, a qual supera, com muita frequência, a adoração a Cristo. Prova disto é uma das rezas católicas mais populares, conhecida como Ave Maria, que termina assim: "Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte."

MARIA, UM DIGNO EXEMPLO DE PUREZA, AMOR E PIEDADE

Na condição de mãe do Salvador do mundo, Maria conquistou, sem qualquer dúvida e para sempre, um lugar especial entre todas as mulheres e na história da redenção. Ela educou Jesus no temor de Deus, no meio de uma família incomum, em que o Salvador não foi inicialmente aceite pelos Seus irmãos e irmãs. É perfeitamente natural admirar Maria como o melhor modelo de pureza, amor e piedade femininas. Ela destaca-se como um excelente exemplo de dedicação maternal, humildade e pureza. Ela foi na realidade "Bendita [...] entre as mulheres" (Lucas 1:42).

A EXALTAÇÃO ANTIBÍBLICA DE MARIA O problema é que nem a Igreja Católica Romana nem a Igreja Ortodoxa Grega



deixam de exaltar Maria. Desde meados do século V (no Concílio de Éfeso, em 431, quando Maria foi proclamada theotokos, "mãe de Deus"), essas Igrejas ultrapassaram as fronteiras bíblicas, transformando "a mãe do Senhor" (Lucas 1:43) na mãe de Deus; a humilde "serva do Senhor" (Lucas 1:38) na rainha do Céu; a "agraciada" (Lucas 1:28) na despenseira de graça; a "bendita entre as mulheres" (Lucas 1:42) na corredentora, mediadora e advogada celestial. Podemos dizer que transformaram a filha redimida de Adão na impecável corredentora da Humanidade.

De Maria dizia-se (a princípio) que estava isenta de tendências pecaminosas hereditárias, depois ficou imune até mesmo ao pecado original. Depois de séculos de debates, proclamou-se, em 1854, que ela teria sido concebida imaculadamente,

isto é, sem qualquer mancha de pecado. Ao longo dos séculos, a veneração a Maria acabou por degenerar lentamente na adoração popular de Maria. O resultado é que, ainda hoje, devotos católicos dificilmente recitam um *Pai Nosso* sem ser acompanhado de uma *Ave Maria*. Recorrem com mais frequência à compassiva e bondosa mãe em busca de intercessão do que ao divino Filho de Deus, por pensarem que, por meio de Maria, qualquer petição será, seguramente, mais bem respondida.

A DIFERENÇA ENTRE ADORAÇÃO E VENERAÇÃO

A Igreja Católica ensina que há uma distinção básica entre a adoração a Deus, conhecida como *latria*, a veneração geral pelos santos, chamada *dulia*, e a veneração especial por Maria, chamada *hyperdulia*. O professor Mark Miravalle explica os dife-

Em parte alguma, a Bíblia sugere que veneremos pessoas "abençoadas".

rentes sentidos dos três termos. "A adoração, conhecida como *latria* na teologia clássica, é o culto e a homenagem corretamente prestados somente a Deus. É o reconhecimento da excelência e perfeição de uma pessoa divina, não criada [...]. A veneração, conhecida como *dulia* na teologia clássica, é a honra devida à excelência de uma pessoa criada [...]. Sob a categoria de veneração, temos a honra e a reverência que os santos justificadamente recebem. [...]

"Dentro da categoria geral de veneração, podemos falar de um nível singular de veneração [...] classicamente denominado hyperdulia, [que é] a devoção propriamente atribuída à bendita virgem Maria. A hyperdulia ou veneração especial por Maria é inteiramente diferente da adoração, que é devida somente a Deus, e inferior a ela. A devoção a Maria jamais rivaliza em natureza ou grau com a adoração propriamente prestada a Deus somente. Embora seja sempre inferior à adoração prestada exclusivamente a Deus, a veneração pela Santíssima Virgem será sempre superior e mais elevada que a devoção prestada a todos os outros santos e anjos."1

Esta distinção teórica entre a adoração a Deus, a veneração geral pelos santos e a veneração especial por Maria existe apenas na mente dos teólogos católicos, sendo grandemente desconhecida e ignorada na vida devocional da maioria dos Católicos. Isto torna-se evidente quando se consideram as orações dirigidas a Maria.

ARGUMENTOS BÍBLICOS FAVORÁVEIS À VENERAÇÃO DE MARIA

TEXTOS BÍBLICOS USADOS PARA APOIAR A VENERAÇÃO A MARIA

A defesa católica da veneração a Maria tem origem essencialmente na exaltação dela expressa nos dogmas e ensinos marianos promulgados gradativamente ao longo dos séculos. Baseia-se nos papéis que a Igreja Católica lhe atribuiu como mãe de Deus, rainha do Céu, mediadora, corredentora, advogada, intercessora e despenseira de graças.

Não existe apoio bíblico para a veneração a Maria. Os poucos textos geralmente utilizados como prova não fazem alusão a nenhuma forma de adoração devida a Maria. O apologista católico Ludwig Ott resume os textos bíblicos que, supostamente, provariam essa alegação. "A fonte escriturística para a veneração especial devida a Maria encontra-se em Lucas 1:28: 'Deus te salve, cheia de graça; o Senhor é contigo'; na oração de Isabel, cheia do Espírito Santo (Lucas 1:42): 'Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre'; nas palavras proféticas da mãe de Deus (Lucas 1:48): 'Portanto, eis que, de hoje em diante, todas as gerações me chamarão bem-aventurada'; nas palavras da mulher da multidão (Lucas 11:27): 'Bem-aventurada aquela que te concebeu, e os seios que te amamentaram'."2

A conclusão extraída destes textos é que, "em virtude da sua dignidade como a mãe de Deus e a sua plenitude de graça, deve-se venerar Maria". Porém, é impossível chegar a tal conclusão a partir de uma simples e clara leitura dos textos citados.

¹ Mark Miravalle, *Introduction to Mary: The Heart of the Marian Doctrine and Devotion* (1993), p. 12.

² Ludwig Ott, *Fundamentals of the Catholic Dogmas* (1960), p. 215.

³ Ibidem.



CONTESTAÇÃO BÍBLICA PARA A VENERAÇÃO A MARIA

Os textos citados nada dizem sobre venerar Maria acima de todas as criaturas. O louvor de Isabel - "Bendita és tu entre as mulheres" (Lucas 1:42) - sugere que Maria foi realmente abençoada pelo favor concedido por Deus em gerar-lhe o Filho. Maria reconhece esse privilégio único, quando diz: "Desde agora, todas as gerações me considerarão bem-aventurada" (Lucas 1:48). Mas repare-se que não se atribui a Maria nada que não seja atribuído também às outras pessoas "abençoadas" na Bíblia. Por exemplo, Rebeca foi abençoada antes de sair de casa para se casar com Isaque: "Abençoaram a Rebeca e lhe disseram: És nossa irmã; sê tu a mãe de milhares de milhares, e que a tua descendência possua a porta dos seus inimigos" (Génesis 24:60). Abimeleque abençoou Isaque dizendo: "Tu és agora o abençoado do Senhor" (Génesis 26:29). Moisés pronunciou uma bênção sobre toda a nação de Israel: "Bendito serás mais do que todos os povos; não haverá entre ti nem homem, nem

Ainda hoje, devotos católicos dificilmente recitam um Pai Nosso sem ser acompanhado de uma Ave Maria. Recorrem com mais frequência à compassiva e bondosa mãe em busca de intercessão do que ao divino Filho de Deus. por pensarem que, por meio de Maria, qualquer petição será, seguramente, mais bem respondida.

mulher estéril, nem entre os teus animais" (Deuteronómio 7:14).

A Bíblia considera "abençoadas" todas as pessoas que seguem Deus: "Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios [...]. Antes, o seu prazer está na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite" (Salmo 1:1 e 2). "Bem-aventurados todos os que nele [em Deus] se refugiam" (Salmo 2:12). Muitas pessoas na história da Bíblia foram achadas no "favor" de Deus (I Samuel 2:26; Provérbios 12:2). Mas, em parte alguma, a Bíblia sugere que veneremos pessoas "abençoadas".

Diferentemente do que ensina o Catolicismo, Maria não foi bendita **acima** de todas as mulheres, mas a mais bendita **entre** todas as mulheres. Até mesmo a versão católica *New American Bible* reconhece isso: "Abençoadíssima és tu entre as mulheres" (Lucas 1:42). Existe uma diferença significativa entre as duas preposições, visto que ser bendita entre as mulheres não torna Maria digna de veneração acima de todas as outras mulheres.

NENHUMA VENERAÇÃO A MARIA NO NOVO TESTAMENTO

Em todo o Novo Testamento, não existe um único caso de veneração a Maria. Quando os magos chegaram à manjedoura para visitar o Cristo criança, Mateus 2:11 declara que eles, "prostrandose", adoraram Jesus, e não Maria. Aliás, a Escritura proíbe terminantemente que nos prostremos em atitude de adoração perante qualquer criatura, inclusive anjos. Quando João, o autor do Apocalipse, se prostrou aos pés de um anjo, este advertiu-o: "Vê, não faças isso; eu sou conservo teu, dos teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus" (Apocalipse 22:9).

A Bíblia também ensina claramente que não devemos fazer nenhuma "ima-



gem" com o objetivo de nos encurvarmos perante ela em atitude de adoração ou culto (Êxodo 20:4 e 5). Mas a Igreja Católica produz gravuras e imagens de Maria em larga escala como ícones para fins cultuais. Entende que são auxílios na adoração, permitindo que, ao se ajoelhar e rezar perante eles, o devoto forme uma imagem mental da verdadeira Maria que está a adorar. A Escritura condena como idolatria o emprego de representações visuais como ajuda na adoração.

Para o apóstolo Paulo, idolatria significa trocar a glória do Deus imortal por imagens de seres mortais: "Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos, e mudaram a glória do Deus incorruptível, em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves,

⁴ Este é o segundo mandamento da Lei de Deus, omitido pela Igreja Católica nos seus catecismos.



"Bendita és tu entre as mulheres" (Lucas 1:42) – sugere que Maria foi realmente abençoada pelo favor concedido por Deus em gerar-lhe o Filho.

e de quadrúpedes, e de répteis" (Romanos 1:22 e 23). Venerar Maria como a rainha do Céu, ajoelhar-se e rezar diante da sua gravura ou imagem, lembra os antigos cultos pagãos idólatras da rainha do céu, condenados na Bíblia (Jeremias 7:18). Isto significa também promover o culto a Maria, conhecido como mariolatria. E mariolatria é uma forma de idolatria.

NÃO EXISTE DIFERENÇA REAL ENTRE VENE-RAÇÃO E ADORAÇÃO

Apesar das tentativas feitas por teólogos católicos para estabelecer diferença entre a adoração reservada a Deus (latria), a veneração geral dos santos (dulia), e a veneração especial por Maria (hyperdulia), não se verificam essas distinções na vida devocional dos Católicos praticantes. Eles não mudam a sua atitude mental quando passam do Pai Nosso para a Ave Maria. Oração é oração, seja ela dirigida ao Pai, ao Filho, ao Espírito Santo, seja a Maria ou aos santos. Os devotos católicos, nas próprias rezas e orações que dirigem a Maria, dificilmente fazem distinção entre adoração e veneração. Tomemos, por exemplo, o popular livro Novenário em Honra à Nossa Mãe do Perpétuo Socorro, publicado com o imprimatur católico oficial. Uma das rezas descreve o poder de Maria como superior ao de Jesus: "Vinde em meu auxílio, querida Mãe, pois recomendo-me a vós. Nas vossas mãos coloco a minha salvação eterna e a vós confio a minha alma. Considerai-me no grupo dos vossos servos mais dedicados; tomai--me sob a vossa proteção, e isso me basta. Pois, se me protegeis, querida Mãe, não temo nada: nem os meus pecados, porque para eles obtereis perdão; nem o diabo, porque sois mais poderosa do que todo o inferno junto; nem mesmo Jesus, meu juiz, porque mediante uma oração vossa, Ele será apaziguado."5

A ideia de que uma oração feita por Maria tem o poder mágico de apaziguar Jesus faz de Maria uma operadora de prodígios e denigre Jesus como um Juiz punitivo, cuja ira precisa de ser aplacada pela Sua piedosa mãe. Estes ensinos são, no mínimo, blasfemos!

5 Novena Prayers in Honor of Our Mother of Perpetual Help (1968), p. 19.

Milhões de Católicos sinceros adoram hoje uma divindade fabricada pela sua Igreja em vez do Deus Criador da revelação bíblica.

Encontramos outros exemplos gritantes de adoração a Maria no famoso livro *As Glórias de Maria* (1750), de Afonso de Liguori (1696-1787): "Será que devemos ter escrúpulos em rogar a ela que nos salve, quando o caminho da salvação não está aberto para ninguém senão por intermédio de Maria?" "Muitas coisas", diz Nicéforo, "se pedem a Deus, mas não são concedidas. Que sejam solicitadas a Maria, e as obteremos. [...] Sob a ordem de Maria, todos obedecem, até o próprio Deus". 7

Causa mal-estar a qualquer Cristão, familiarizado com o conceito bíblico de salvação e o caráter de Deus, ler ou ouvir que o caminho da salvação está aberto somente por meio de Maria que tem a capacidade de manipular Deus para fazer a vontade dela. A verdade da revelação de Deus é que o caminho da salvação está aberto, não por intermédio de Maria, mas por meio de Jesus Cristo somente: "E não"

6 Alphonsus de Liguori, *The Glories of Mary* (1931), p. 169. Este livro foi publicado em mais de 800 edições com a aprovação oficial católica (*imprimatur*). Liguori foi canonizado como santo em 1831 pelo papa Gregório XVI. A circulação maciça do seu livro, em 72 línguas, desempenhou um papel preponderante na promoção de conceitos absurdos, e antibíblicos, sobre Maria.

7 Op. cit., pp. 180, 137.

há salvação em nenhum outro, pois em todo o mundo não há mais ninguém, dado por Deus à Humanidade [Jesus Cristo], que nos possa salvar" (Atos 4:12, BpT). É um absurdo presumir que o Deus Criador, omnipotente, é obrigado a receber ordens de uma criatura humana.

Estes exemplos, acima referidos, são suficientes para demonstrar que a distinção teórica entre a adoração a Deus e a veneração a Maria é praticamente inexistente na experiência prática de Católicos devotos. Isto deve-se, em parte, ao facto de algumas das rezas dirigidas a Maria a exaltarem acima de Deus. O resultado final é que milhões de Católicos sinceros adoram hoje uma divindade fabricada pela sua Igreja em vez do Deus Criador da revelação bíblica.

Refira-se ainda que a Igreja Católica promove a adoração a Maria durante todo o ano, principalmente através das Festas de Maria Santíssima. O calendário litúrgico católico revela que os principais factos e ficções da vida de Maria são celebrados em 35 festas marianas. Algumas das festas anuais (Anunciação, Imaculada Conceição, Purificação, Assunção ao Céu) são o correlativo das festividades alusivas ao nascimento, ressurreição e ascensão de Cristo. O objetivo é estabelecer um nítido paralelo entre Maria e Cristo. Isto leva, em última análise, devotos católicos a cultuar Maria como uma espécie de semideusa.

CONCLUSÃO

Este estudo sobre os dogmas e os ensinos marianos proclamados ao longo dos séculos pela Igreja Católica revelou existir uma gradativa e crescente exaltação de Maria à mesma posição de Jesus Cristo. As estratégias que acompanham a promulgação dos dogmas marianos tentaram provar que Maria possui atributos e funções semelhantes aos do próprio Senhor Jesus.



Ao proclamar a perpétua virgindade de Maria, a sua imaculada conceição, a sua assunção corporal ao céu, o seu papel celestial como mediadora, corredentora e despenseira de graças, a Igreja Católica estimulou a veneração popular a Maria, que agora supera a adoração ao próprio Cristo. A prova disto são as rezas dirigidas a Maria, indicativas da extraordinária influência que ela supostamente exerce junto da Trindade.

A consequência mais grave da veneração a Maria, que devotos católicos vivenciam como adoração propriamente dita, é que ela deprecia a majestade de Cristo e a honra devida somente a Ele. Cada exaltação de Maria resulta, em última análise, no rebaixamento de Cristo. Ao exaltar a mãe humana de Jesus como canal de intercessão e redenção celestial, a Igreja Católica obstrui e impede desnecessariamente o acesso imediato dos crentes ao ministério redentor de Cristo no santuário celestial.

A ordem e a promessa de Deus aos que foram desencaminhados pelas enganosas práticas marianas são claras: "Por isso, diz o Senhor: saiam do meio deles e separem-se deles. Não tenham contactos com o que é profano e eu hei de receber-vos na minha casa. Então serei o vosso Pai e vós sereis meus filhos e minhas filhas, diz o Senhor todo-poderoso" (II Coríntios 6:17 e 18, BpT).

ESTILO DE VIDA

 \approx

Ezequiel Quintino *Teólogo*



Escolher viver a alegria em tempo de guerra é, no mínimo, paradoxal. A história de vida de Mihaly poderá ajudar-nos. Mihaly Csikszentmihalyi (1934-2021) nasceu em Rijeka, na atual Croácia. À medida que crescia, ele ia notando que o stresse e os horrores da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) afetavam as pessoas de diferentes formas. Ao pensar sobre isso, desejava saber as razões dessas diferenças.

Para se divertir um pouco a praticar esqui, viajou até Zurique. Ao chegar à Suíça reparou que a neve começara a derreter, pelo que não foi possível esquiar. Lembrou-se de ir ao cinema, mas não tinha dinheiro. Viu então o anúncio de uma palestra de Psicologia, com entrada gratuita, que teria lugar à noite no centro da cidade. Decidiu ir. Ficou fascinado ao escutar Carl Jung e conhecer a interpretação do Psicólogo e Psiquiatra suíço acerca de como a guerra tinha afetado a população europeia.

No seu desejo de estudar Psicologia, de conhecer os diferentes métodos de lidar com o stresse e de saber como alcançar a felicidade, emigrou para os Estados Unidos da América quando tinha 22 anos. Estudou na Universidade de Chicago, onde obteve o Doutoramento em Psicologia, em 1965. Csikszentmihalyi prosseguiu os seus estudos, tornando-se num dos mais destacados pesquisadores do mundo sobre a felicidade e a criatividade. Na opinião de Martin Seligman, ex-Presidente da Associação Americana de Psicologia, Mihaly Csikszentmihalyi foi o principal pesquisador em Psicologia Positiva do mundo. Ele é autor de muitos livros e de mais de 120 artigos ou capítulos de livros.

Csikszentmihalyi defende a ideia de que a alegria e a felicidade são decisões conscientes que as pessoas tomam. Para explicar o que é a felicidade, criou a teoria do "fluxo" (flow). Passou anos a pesquisar e a escrever sobre o conceito psicológico do

fluxo, um estado mental altamente focado. Ao lançar, em 1990, o seu livro Flow - APsicologia da Experiência Ótima, Csikszentmihalvi começou a partilhar com o mundo as suas teorias da felicidade ideal. De acordo com Csikszentmihalyi, as pessoas atingem o seu nível ideal de felicidade quando estão empenhadas num estado de fluxo - um estado mental de completa imersão mental, física e emocional. Por outras palavras, para ele, o estado de fluxo é um estado de completa absorção numa tarefa que representa um grande desafio e necessita de muita habilidade. Esta situação, em que a pessoa se mantém totalmente envolvida na atividade por puro prazer, constitui o maior nível de motivação intrínseca, não se deixando distrair com outra qualquer coisa. Por exemplo, um pianista numa audição ou uma pessoa religiosa a refletir acerca do que leu e a orar. A atividade deve envolver a criatividade de uma pessoa de uma forma que seja desafiadora, mas não desanimadora. As pessoas também podem alcançar o estado de fluxo - felicidade pura, fazendo tarefas simples como caminhar ou correr, jardinar, costurar, cozinhar, cantar ou construir algo, e muito mais.1

AS COISAS SIMPLES DA VIDA

A escolha da alegria e da felicidade não implica uma grande decisão que irá fazer a diferença por longo tempo. Na realidade, pequenas decisões sobre pequenas coisas podem explicar a alegria em toda a sua extensão. Este foi o objetivo da pesquisa conduzida por Daniel Hurley e Paul Kwon, da Universidade Estadual de Washington. Eles acompanharam 142 estudantes em Psicologia, e pediram-lhes que comentassem o que significava para eles desfrutar o momento (prolongando

1 https://pt.estilltravel.com/mihaly-csikszentmihalyi



ou intensificando as emoções positivas enquanto ocorre uma situação ou evento agradável) e também acerca dos sentimentos positivos e da satisfação na vida.

Duas semanas depois, os estudantes apresentaram os seus relatórios. As duas principais descobertas feitas por meio deste estudo foram: 1. Aqueles que foram mais capazes de desfrutar o momento demonstraram altos níveis de sentimentos positivos e de satisfação com a vida. 2. Aqueles que foram mais capazes de identificar o maior número de "situações positivas" experimentaram níveis mais elevados de sentimentos positivos e de satisfação com a vida.

Este estudo mostrou que a alegria, a felicidade e a sensação subjetiva de bem-estar não são sentimentos mágicos que estão fora do nosso controlo. Eles nascem

realmente das pequenas coisas e têm muito que ver com as escolhas individuais. Se soubermos como desfrutar os bons momentos e dar valor às coisas comuns do dia a dia, que nos animam e nos elevam, não sendo indiferentes para com elas, poderemos alcançar grande satisfação na vida e níveis muito mais elevados de felicidade.

As conclusões deste estudo representam um autêntico desafio para nós. Fazem-nos lembrar de quantas escolhas temos de fazer para decidir se vamos apreciar ou não determinada coisa, por mais simples que seja. Todos podemos exercitar a arte de apreciar as coisas, experimentando-as por antecipação, sentindo-nos bem ao imaginar os resultados que alcançaremos. Aprendemos, assim, a manter um espírito alegre ao fazer uma tarefa comum

do dia a dia, praticando também a arte de guardar factos na memória para os recordarmos mais tarde, tendo prazer em olhar para trás e relembrar momentos felizes, revivendo a alegria das lembranças agradáveis do passado.

Curiosamente, o que este estudo considerou ser motivo de alegria e bem-estar não foram os momentos de euforia e entusiasmo, mas o facto de se encontrar alegria nas coisas comuns do dia a dia – realizar um trabalho, receber apoio ou dar apoio a alguém, conversar com uma pessoa ou, simplesmente, observar as coisas que normalmente acontecem ao nosso redor. Isto lembra-nos da oportunidade que temos de processar os acontecimentos diários como eventos realmente positivos, recompensadores e enobrecedores.

Num outro estudo, os mesmos autores da Universidade de Washington treinaram os participantes para que aumentassem os resultados positivos e reduzissem os negativos. Por comparação, descobriram que o grupo de intervenção tinha experimentado uma expressiva redução nos sintomas depressivos e sentimentos negativos que o grupo de controlo não obteve. Isto mostrou que ser alegre não é uma questão de sorte, nem se deve a fatores relacionados com a personalidade ou a hereditariedade; pelo contrário, é algo que pode ser ensinado e aprendido.

CONCLUSÃO

Estudos têm demonstrado que o Cristão ainda pode ter maior vantagem ao exercer a sua fé. Pode usar meios adicionais e mais confiáveis que lhe são concedidos por Deus. Na Bíblia – a Palavra inspirada e revelada por Deus – Ele assegura-nos do Seu interesse e do Seu cuidado pelos Seus filhos humanos, não os deixando abandonados à sua sorte. Apesar do mal existente no mundo, os crentes no Deus

Criador podem desfrutar da alegria para fazer face à tristeza e enfrentar a dor, a angústia e o sofrimento.

Os Cristãos podem confiar plenamente nas promessas da Palavra de Deus, tal como o rei David expressou assim a sua certeza e confiança: "Hás de mostrar-me o caminho que conduz à vida, saciar-me de alegria na tua presença e de eterna felicidade a teu lado" (Salmo 16:11, BpT). Recordando o passado, os Cristãos podem também afirmar com gratidão: "Grandes coisas fez o Senhor por nós, e por isso estamos alegres" (Salmo 126:3, ARC). E mesmo quando a situação é difícil, Deus não desampara os que O amam: "As preocupações avolumam-se na minha mente, mas o teu conforto alivia-me" (Salmo 94:19, BpT).²

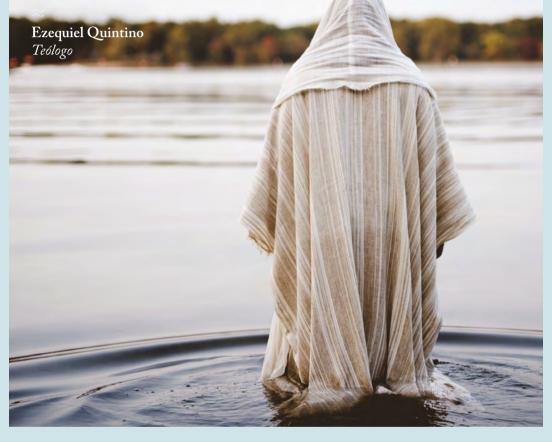
E o desafio é constante: "Não te irrites por causa dos malfeitores, nem tenhas inveja dos que procedem mal, porque cedo serão ceifados como o feno e como a erva verde murcharão. Confia no Senhor e faz o bem. [...] Põe a tua vida nas mãos do Senhor, confia nele e ele te ajudará. [...] Confia no Senhor e põe nele a tua esperança. [...] O Senhor cuida dos que vivem na retidão; e a sua herança ficará para sempre. [...] Afasta-te do mal e pratica o bem e viverás sempre em segurança, pois o Senhor julga com justiça e não abandona os que lhe são fiéis. Ele protege-os para sempre, mas a geração dos maus será destruída. Os justos possuirão a terra, e eles viverão nela para sempre. [...] Confia no Senhor e segue os seus caminhos que ele te honrará, dando-te esta terra por herança" (Salmo 37:1-3, 5, 7, 18, 27-29, 34, BpT).

O Cristão aprende também a desfrutar da vida com alegria e felicidade apoiado nas promessas e na fidelidade do Deus Criador.

² Ver Julián Melgosa, *Crer Faz Bem*, Tatuí-SP: CPB, 2013, pp. 161-164.

TEOLOGIA





"Deus é amor", declara o apóstolo João (I João 4:8). Esta curta declaração tem sintetizado, para os Cristãos, durante cerca de dois mil anos, a principal característica definidora de Deus – Quem é Deus no âmago do Seu ser. E, visto que a Bíblia confirma a natureza imutável de Deus (Malaquias 3:6), o amor de Deus está demonstrado em toda a Escritura, tanto no Antigo Testamento, como no Novo Testamento.

Todavia, nem todos concordam. Os Ateus, muitos leitores superficiais da Bíblia e até alguns Cristãos têm problemas com o Deus revelado no Antigo Testamento. Parece-lhes haver um contraste chocante e dramático com o Deus do Novo Testamento. A impressão deles é que o Deus do Antigo Testamento é rude, vingativo e punitivo, enquanto o Deus do Novo Testamento – demonstrado por

Quando examinamos a vida de Jesus e vemos a Sua bondade, o Seu amor e a Sua preocupação por toda a Humanidade, estamos simplesmente a ver, de modo mais nítido, um exemplo de como Deus, o Pai, sempre foi e sempre será.

meio de Jesus Cristo – Se revela amoroso, bondoso e misericordioso. Em resumo, o Deus do Antigo Testamento seria muito diferente do Deus do Novo Testamento.

Não entraremos na análise e na discussão histórica desta visão redutora, que menospreza a essência da Divindade, desde Marcião (século II) até aos conceitos enraizados nos escritos de John Darby (1800-1882), desenvolvidos e popularizados nas notas marginais da *Bíblia de Estudo Scofield* (1909), que geraram o sistema teológico do *Dispensacionalismo*. Decidimos ver preferencialmente o que a Bíblia nos diz sobre o tema.

JESUS É DEUS

Recordemos que Jesus era Deus. Jesus é Deus. O apóstolo João, na introdução do seu Evangelho, afirma categoricamente a divindade de Cristo. João refere-se a Jesus como "O Verbo" ou "A Palavra": "No princípio era a Palavra. A Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus. Aquele que é a Palavra estava no princípio com Deus" (João 1:1 e 2). Jesus era Deus. Por isso, tinha o poder de Deus n'Ele. E Jesus também afirmou: "Estou disposto a sacrificar a minha vida para a receber de novo. Ninguém

me tira a vida. Eu dou-a de livre vontade. Tenho poder de a dar e de a recuperar" (João 10:17 e 18). E, também por saber que Jesus tinha o poder de Deus n'Ele, Satanás tentou persuadi-l'O a transformar pedras em pães (Mateus 4:3).

Jesus veio para revelar a Divindade, mais exatamente o Pai. O Evangelho de João relata o encontro íntimo do Salvador com os discípulos no cenáculo, na noite da véspera da Sua crucificação. Filipe pediu-Lhe que lhes mostrasse o Pai. E Jesus respondeu: "Filipe, há tanto tempo que vivo convosco e ainda não me conheces? Aquele que me viu, viu também o Pai. Como é que tu me pedes: Mostra-nos o Pai? Não acreditas que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que vos digo não as digo por mim. O Pai que está em mim é que realiza as suas obras. Acreditem que eu estou no Pai e o Pai está comigo" (João 14:8-11).

A questão que se coloca aqui é: Quem fez as obras na vida de Jesus, de acordo com a Sua própria declaração em João 14:10? Claro, foram as mãos, os pés, os olhos e a boca de Jesus, mas de alguma forma era o Pai a fazer tudo através d'Ele, n'Ele. Até as Suas palavras eram as palavras de ambos. Portanto, quando examinamos a vida de Jesus e vemos a Sua bondade, o Seu amor e a Sua preocupação por toda a Humanidade, estamos simplesmente a ver, de modo mais nítido, um exemplo de como Deus, o Pai, sempre foi e sempre será.

Há um texto no Antigo Testamento que fala de Alguém muito especial: "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz" (Isaías 9:6, ARC). Esta profecia messiânica (escrita no século VIII a.C.) foi cumprida, na realidade, na pessoa de Jesus Cristo.

No Novo Testamento, Colossenses 2:9 diz sobre Cristo: "Porque Deus está totalmente presente em Cristo, de forma corporal." E na versão ARC, lemos: "Porque nele habita, corporalmente, toda a plenitude da divindade." Então, temos a predição do Antigo Testamento de que nasceria Aquele que seria o Deus poderoso e temos também a declaração do Novo Testamento de que em Cristo habitou corporalmente toda a plenitude da Divindade – dois pequenos trechos que revelam que Iesus era Deus.¹

JESUS É O CRIADOR

Voltemos ao prólogo do Evangelho de João. "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. [...] Todas as coisas foram feitas por ele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez" (João 1:1-3, ARC). Já imaginou o facto de que Jesus é o próprio Criador? Aquele a Quem chamamos Jesus foi o Criador deste mundo no princípio. Só Deus é Criador. E Jesus era Deus. Tinha o poder de Deus n'Ele. Continuando a ler no texto bíblico: "Aquele que é a Palavra era a luz verdadeira; Ele ilumina toda a gente ao vir a este mundo. Ele estava no mundo, mundo que foi feito por ele. O mundo não o conheceu. Ele veio para o seu próprio povo e o seu povo não o recebeu. Mas a todos quantos o receberam, aos que crêem nele, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus. [...] A Palavra fez-se homem e veio habitar no meio de nós, e nós contemplámos a sua glória, como glória do Filho único do Pai, cheio de graça e de verdade" (João 1:9-12, 14).

É afirmado neste texto que Jesus é Deus e é o Criador do mundo e do que ele contém, incluindo nós, seres humanos. E sendo Ele o Deus Criador, humanizou-Se ao assumir uma natureza criada e habitou

1 Acerca da divindade de Jesus ver também Mateus 1:23 e Hebreus 1:8.



entre nós. Então, embora Jesus fosse Deus, Ele também era homem. **Jesus é o Filho de Deus** (João 1:34). **Jesus é também o Filho do Homem** (Daniel 7:13; Apocalipse 1:13; 14:14). É um enorme mistério o "sacrifício eterno" que Jesus fez quando veio à Terra, abdicando das Suas prerrogativas divinas, ao tornar-Se um de nós. Mas a Bíblia revela claramente que Ele ainda mantém a Sua humanidade no Céu. No entanto, Ele sempre foi Deus, o Deus Forte, o Maravilhoso, o Poderoso Conselheiro, o Homem que é Deus – e Ele sempre será!

JESUS É O EXEMPLO SUPREMO

Como pode isto ser explicado? Como pode uma pessoa ser Deus e homem ao mesmo tempo? É Ele metade Deus e metade homem? Não! O único modo de expressar esta realidade seria dizer que Jesus é totalmente Deus e totalmente homem. É



difícil de compreender. Mas, um dos aspetos mais fascinantes sobre a vida de Jesus é a perceção de que, embora Jesus fosse Deus, e mesmo quando Se tornou homem ainda fosse Deus, Ele não vivia como Deus. É um detalhe que merece atenção.

A vida de Jesus é o maior exemplo de entrega total e rendição absoluta, de submissão por Sua própria escolha e decisão. A Sua divindade permaneceu oculta durante toda a Sua vida na Terra e Ele submeteu-Se ao controlo do Pai. Jesus não usou a parte divina da Sua natureza para viver aqui a Sua vida perfeita. Recordemos que Ele disse: "Fiquem a saber que o Filho nada pode fazer só por si. Faz apenas aquilo que vê fazer a seu Pai. Ele faz o mesmo que o Pai. [...] Eu nada posso fazer só por mim" (João 5:19, 30). Como Deus, Jesus poderia ter feito muitas coisas por Sua iniciativa, sem depender do Pai. Jesus poderia ter usado o Seu poder

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. [...] Todas as coisas foram feitas por ele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez" (João 1:1-3, ARC).

divino inerente. Mas não. Ele veio à Terra para nos demonstrar como viver na dependência de um poder superior – o poder de Deus – e ser vitorioso.

Um dos grandes exemplos da postura de Jesus de total dependência do Pai é a experiência da tentação, no início do Seu ministério (Lucas 4:1-13). Outro máximo exemplo verificou-se na Sua morte na cruz – Jesus não Se salvou a Si mesmo, procedendo independente do Pai a fim de evitar a morte. Em toda a vida de Jesus, da manjedoura até ao túmulo, mesmo sendo constantemente tentado a viver com base na Sua divindade inerente, Jesus continuou a depender do Pai.

A maior prova da Sua própria divindade não foi o que Jesus fez; é o que Ele disse e o que o Pai disse sobre Ele. Jesus falou como Deus nalgumas ocasiões (João 4:26) e o Pai testificou da Sua filiação (Mateus 3:17; João 12:28). Mas Jesus viveu como um homem. Cristo, durante a Sua vida na Terra, viveu em submissão ao controlo de Deus. Viveu e trabalhou, venceu o pecado e o diabo na Sua natureza humana, com fé e absoluta confiança no poder de Deus.

O facto mais notável sobre a vida de Jesus foi o que Ele *não fez*, mas que tinha o poder de realizar. Este é o sublime exemplo que Jesus nos deixou: o segredo



da vitória sobre o mal, o inimigo e o pecado – saber viver na relação profunda e íntima com Deus, sob a Sua dependência.

CONCLUSÃO

Afinal, o Deus que Se revela no Antigo Testamento é o mesmo que opera no Novo Testamento. Deus sempre agiu em amor – a Sua essência. Por isso, Jesus pôde dar a conhecer esse amor divino do Pai: "Deus amou de tal modo o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crer não se perca, mas tenha a vida eterna. Não foi para condenar o mundo que Deus lhe enviou o seu Filho, mas sim para que o mundo fosse salvo por ele. Quem crê nele não é condenado, mas quem não crê já está condenado, porque não acreditou no nome do Filho único de Deus" (João 3:16-18).

Já depois da ascensão de Cristo ao Céu, os apóstolos davam testemunho de Jesus, em Jerusalém. Uma tarde, Pedro e João, ao dirigirem-se ao templo, encontraram um homem deficiente de nascença a pedir esmola. Então Pedro disse-lhe: "Não tenho prata nem ouro, mas vou dar-te aquilo que tenho. Em nome de Jesus Cristo de Naza-ré, eu te digo: levanta-te e anda!" (Atos 3:6). Acontecido o milagre, o homem seguiu Pe-

dro e João, louvando Deus e entusiasmando as pessoas que tinham testemunhado o milagre. Os apóstolos aproveitaram para pregar à multidão. Quem não apreciou foram as autoridades judaicas, que ordenaram a prisão deles para os impedirem de pregar sobre Jesus ao povo. Conduzidos ao Sinédrio (o tribunal judaico) e interrogados: "Com que poder ou em nome de quem é que fizeram isso?' Então Pedro, cheio do Espírito Santo, respondeu-lhes: [...] 'foi pelo poder de Jesus Cristo de Nazaré, o mesmo que vocês crucificaram, mas que Deus ressuscitou. [...] E não há salvação em nenhum outro, pois em todo o mundo não há mais ninguém, dado por Deus à Humanidade, que nos possa salvar" (Atos 4:7 e 8, 10, 12).

Assim, este é o momento de agradecer, adorar e viver como discípulos de Jesus Cristo – Deus Criador e Salvador.

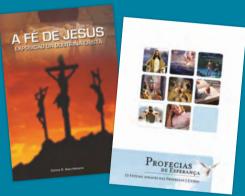
TRADUÇÕES BÍBLICAS UTILIZADAS:

Quando não mencionada, a versão bíblica usada é a *Bíblia* para Todos (BpT). Foi também usada a tradução Almeida Revista e Corrigida (ARC).

























pprox NOTÍCIAS QUE FAZEM PENSAR pprox



Obesidade

A obesidade e o excesso de peso têm dimensão epidémica nos países da região europeia e pioraram com a pandemia.

No Relatório da Obesidade 2022, divulgado em maio último, a Organização Mundial de Saúde (OMS) alertou que "de forma alarmante, tem havido aumentos consistentes na prevalência do excesso de peso e da obesidade na região europeia [que compreende 53 países, da Islândia ao Tajiquistão] e nenhum estado-membro está ao alcance da meta de travar o aumento da obesidade até 2025".

Quase dois terços dos adultos e 9% das crianças com menos de cinco anos têm excesso de peso, revela a OMS, e a pandemia de Covid-19 teve um impacto "desfavorável no consumo de alimentos e nos padrões de atividade física". As ordens de confinamento emitidas pelos governos

afetaram "de forma desproporcional as pessoas que vivem com excesso de peso e obesidade". Estando em isolamento em casa, com inúmeras aplicações digitais de entrega de comida à disposição, com acesso fácil a alimentos com alto teor de sal, gordura e açúcar, o impacto específico nas pessoas ainda é desconhecido. Sabe-se, porém, que nos adultos a prevalência da obesidade aumentou 138% entre 1975 e 2016. Só entre 2006 e 2016, o aumento foi de 21%. Entre a população adulta na região europeia, há uma prevalência de 59% de excesso de peso, mais elevada nos homens (63%) do que nas mulheres (54%).

Numa situação que já era preocupante, e no contexto da Covid-19, agravaram-

A OMS recomenda
vivamente o exercício
físico e que as populações
tenham "acesso
conveniente e seguro a
espaço público aberto
e de qualidade". Como
incentivos sugere
"caminhos pedestres
seguros, ciclovias locais
e percursos pedonais
orientados por adultos
para crianças dos
estabelecimentos de
educação locais".

-se os níveis de excesso de peso e de obesidade entre crianças e adolescentes. Até aos cinco anos, a prevalência de excesso de peso e obesidade é de 9% e dispara para 30% entre os cinco e os nove anos. Na adolescência, a prevalência da obesidade desce para 25%, mas a OMS regista que, entre 1975 e 2016, os números do excesso de peso e da obesidade triplicaram entre os rapazes, com idades entre os cinco e os 19 anos, e mais do que duplicaram entre as raparigas com as mesmas idades.

Entre as várias consequências para a saúde está também o risco aumentado de cancro. Segundo a OMS: "A obesidade é causa direta provável de, pelo menos, 200 000 casos de cancro anuais, um número que se prevê que aumente nas próximas décadas", sendo causa de, pelo menos, 13 tipos diferentes de cancro, incluindo cancros da mama, colorretais, dos rins, fígado e ovários, para além de ser



responsável por "1,2 milhões de mortes anuais" na região europeia da OMS.

Nas recomendações, a OMS incluiu mais impostos sobre alimentos "não saudáveis" e restrições na sua "venda, publicidade e tamanho de porções", a par de "subsídios para aumentar o consumo de fruta e vegetais". Neste âmbito, a OMS destaca Portugal como país que "desde 2019 tem uma lei que restringe a publicidade de bebidas e alimentos ricos em gordura, sal e açúcar, que só podem ser publicitados se estiverem de acordo com os modelos nutricionais portugueses, baseados nos da OMS Europa". Recomenda ainda que "todos os alimentos e todas as bebidas servidos ou vendidos em ambientes públicos contribuam para a promoção de dietas saudáveis" e que se controle "a concentração de estabelecimentos de comida não saudável" na vizinhança de escolas.

A OMS recomenda vivamente o exercício físico e que as populações tenham "acesso conveniente e seguro a espaço público aberto e de qualidade". Como incentivos sugere "caminhos pedestres seguros, ciclovias locais e percursos pedonais orientados por adultos para crianças dos estabelecimentos de educação locais". Defende ainda que devem existir "serviços para gestão do excesso de peso e obesidade" integrados nos cuidados de saúde universais.

Em Portugal, de acordo com os dados da OMS, 57,5% da população adulta, em 2016, tinham excesso de peso – afetando 52% das mulheres e 63,1% dos homens. Das pessoas com excesso de peso, 20,3% eram consideradas obesas, com uma pre-

valência semelhante para homens e mulheres. Para a faixa entre os cinco e os nove anos, 37,2% tinham excesso de peso e 15% obesidade. Para os jovens entre os 10 e os 19 anos, 31,2% tinham excesso de peso e 8,7% obesidade. A OMS cita também números de 2012 que indicam que mais de 40% dos adolescentes não comiam, diariamente, nem fruta, nem vegetais.

A OMS nota um aumento na percentagem de mulheres com excesso de peso durante a gravidez, apontando Portugal, Espanha, Reino Unido, Irlanda e Hungria como países em que "se estima que mais de 20% das mulheres tenham obesidade quando engravidam", uma tendência acentuada em mulheres "de estratos socioeconómicos mais baixos".



FOME

Crise alimentar avizinha-se e os preços vão agravar a situação

A agência alemã de ajuda humanitária Welthungerhilfe alerta para uma crise de fome que se avizinha em todo o mundo e diz que o aumento sem precedentes do preço dos alimentos vai agravar a situação.

Em entrevista à agência Lusa (em 5 de junho de 2022), a conselheira sénior de política da organização, Anne-Catrin Hemmel, explicou que, "mesmo antes da guerra na Ucrânia, o número de pessoas



famintas em todo o mundo estava a crescer a um ritmo constante devido às alterações climáticas, a guerras e às consequências da pandemia de Covid-19". Todavia, o bloqueio das exportações de cereais da Ucrânia e da Rússia e a grande escassez de fertilizantes essenciais — provocados pela guerra — "já estão a ter um impacto adverso dramático e vão agravar ainda mais o estado global da nutrição".

Anne-Catrin Hemmel referiu que as perspetivas "são sombrias" e a sobreposição de crises torna a situação muito perigosa: "Só na península da Somália há cerca de 15 milhões de pessoas que correm o risco de fome aguda devido à seca severa e ao aumento dos preços da comida." Lembrou ainda que o combate à fome está perigosamente aquém dos seus objetivos: "Já em 2021 havia 811 milhões de pessoas que não tinham o que comer."

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), "o número de pessoas desnutridas em todo o mundo – se houver uma interrupção prolongada das exportações de trigo, fertilizantes e outros produtos da Ucrânia e da Rússia – pode

aumentar em entre 8 e 13 milhões de pessoas em 2022/23", sobretudo "na região da Ásia-Pacífico, seguida pela África subsaariana, Médio Oriente e Norte de África".

Para Anne-Catrin Hemmel, a resposta à situação atual tem de passar pela ajuda humanitária, nomeadamente aumentando o poder de compra das pessoas mais pobres, ampliando a distribuição de alimentos, incluindo das refeições escolares, e reduzindo, através de financiamento, a diferença dos preços que mais subiram. Também "é preciso garantir a disponibilidade de alimentos em regiões de insegurança alimentar, mantendo as cadeias de abastecimento agrícolas e assegurando acesso aos alimentos" e "prevenir, a todo o custo, os défices das colheitas, facilitando o acesso, em particular dos pequenos agricultores, a sementes, fertilizantes e combustível". A analista sublinha ainda ser imprescindível que se "evitem restrições à exportação de alimentos, combustível, sementes e fertilizantes".

A situação de atual bloqueio dos portos da Ucrânia, que reduziu substancialmente as exportações de cereais daquele país, considerado um dos principais produtores mundiais, é condenada veementemente pela organização humanitária. Por outro lado, a responsável defendeu a necessidade de se fortalecerem os sistemas alimentares regionais e de se apoiar a diversificação, sobretudo nos países do hemisfério sul, onde há mais insegurança alimentar. Até porque, alertou a consultora de políticas, é sabido que a fome e a insegurança alimentar desencadeiam, muitas vezes, agitação social e violência.

"Vemos semelhanças entre a situação atual e os preços crescentes dos alimentos em 2007 e 2008 que levaram a 'motins alimentares' em todo o mundo", afirmou, explicando que isso acontece também por-

que os desafios do acesso a alimentos foram agravados pela pandemia. "No início de 2011, depois de os preços dos alimentos terem atingido um pico em 2007/2008, o mundo testemunhou uma onda sem precedentes de revoltas políticas no Médio Oriente, conhecida como 'Primavera Árabe', quando manifestantes marcharam, da Tunísia ao Egito e ao Iémen, exigindo a queda dos regimes", recordou Anne-Catrin Hemmel. E concluiu dizendo que também hoje, "além das preocupações humanitárias, surgem receios de que o aumento do preço dos alimentos, na sequência da pandemia e das secas severas, possa desencadear distúrbios civis".



PARA REFLEXÃO Jesus foi questionado pelos discípulos acerca do Seu regresso e do fim deste mundo caótico, para dar lugar a um Planeta renovado onde haverá desenvolvimento contínuo em perfeição num ambiente de total harmonia, justiça, paz e amor. No contexto das notícias acima comunicadas sobre a obesidade e a fome podemos destacar, na resposta do Salvador aos discípulos, os seguintes sinais dos tempos: "Como aconteceu no tempo de Noé, assim vai acontecer com a vinda do Filho do Homem. De facto, naqueles dias antes do dilúvio, as pessoas comiam e bebiam e casavam-se, até ao dia em que Noé entrou na arca. Não se aperceberam de nada, até que veio o dilúvio e os levou a todos. Com a vinda do Filho do Homem acontecerá a mesma coisa. [...] Hão-de chegar-vos notícias e gritos de guerras de perto e de longe [...] As nações vão entrar em guerra umas com as outras, e os países vão atacar-se uns aos outros. Haverá [...] fomes em muitos lugares" (Mateus 24:37-39; 24:6 e 7, BpT).



Jesus, o Único

Os "EU SOU" da Bíblia.

EU SOU O QUE SOU (Êxodo 3:14).

Se não crerdes que EU SOU, morrereis nos vossos pecados [...] antes que Abraão existisse, EU SOU [...] Desde agora vo-lo digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, acrediteis que EU SOU (João 8:24, 58; 13:19).

A mulher disse-lhe: Eu sei que o MESSIAS (que se chama o CRISTO) vem; quando ele vier, nos anunciará tudo. Jesus disse-lhe: EU SOU, eu, que falo contigo (João 4:25 e 26).

EU SOU o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede. [...] EU SOU o pão que desceu do céu. [...] EU SOU o pão da vida. [...] EU SOU o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre (João 6:35, 41, 48, 51).

EU SOU a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida. [...] Enquanto estou no mundo, SOU a luz do mundo (João 8:12; 9:5).

Em verdade vos digo que EU SOU a porta das ovelhas. [...] Se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens (João 10:7, 9).

EU SOU o bom Pastor: o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas. [...] EU SOU o bom Pastor, e conheço

as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido. Assim como o Pai me conhece a mim, também eu conheço o Pai, e dou a minha vida pelas ovelhas (João 10:11, 14 e 15).

EU SOU a videira verdadeira, [...] vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque, sem mim, nada podeis fazer (João 15:1, 5).

EU SOU a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá (João 11:25).

EU SOU o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim (João 14:6).

EU SOU o Alfa e o Ómega, o princípio e o fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso. [...] EU SOU o Alfa e o Ómega, o princípio e o fim, o primeiro e o derradeiro (Apocalipse 1:8; 22:13).

Textos bíblicos da versão ARC.

ODESEJADO VIVE CHAMA I VOLTARÁ I NASCEU



Já conhece o misericordioso Salvador, o terno e compassivo Amigo, o Companheiro constante, o Príncipe da Paz, o Rei vindouro, o "Escolhido entre milhares", Aquele que "é totalmente desejável" - JESUS?!

Ligue e peça, gratuitamente, através do telefone 933 93 92 91.